

APRESENTAÇÃO

Encontrei Julienne Hanson pela primeira vez em 1976, quando de meu mestrado em Londres. Além de partícipe constante dos seminários, ela dava aulas na disciplina *Spatial morphology* [Morfologia espacial], ministrada principalmente por Bill Hillier. Em 1984 eles publicaram em coautoria o livro fundador da Teoria da Lógica Social do Espaço (ou Teoria da Sintaxe Espacial): *The social logic of space*.

Sempre admirei em Julienne a clareza, a leveza e o humor de suas exposições orais e o rigor e a elegância de seus escritos, exemplificados à excelência no livro *Decoding homes and houses* (Decodificando casas e lares, 1998). Em algum momento dos anos 1990, deparei com um texto seu, de novembro de 1988: *The ten commandments (for writing academic papers)* [Os dez mandamentos (para escrever textos acadêmicos)]. Ignoro se foi publicado em papel, mas está disponível na rede mundial de computadores.¹ O texto orienta aprendizes de pesquisador (a) na arte de escrever textos de reflexão acadêmica. Em dez tópicos e poucas páginas, ela sintetiza questões de fundo e de forma: introdução ao tema, formulação das questões, economia de ideias, revisão crítica de quem as tratou, apresentação objetiva das reflexões antes de sua respectiva avaliação, referência à realidade empírica etc. Foi amor à primeira vista. Doravante, distribuí-o aos meus alunos no primeiro dia de aula a cada semestre.

Em 2005, fui Professor Visitante no *Instituto Tecnológico de Estudios Superiores de Monterrey* (ITESM), Campus Querétaro, México, quando ofereci uma disciplina teórica de conteúdo similar à matéria *Espaço e organização social*, que ministrei no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU/UnB). Ao final do semestre, ocorreu-me encerrar o curso com um resumo do conteúdo. O resultado não poderia ser outro: inspirado nos mandamentos de Julienne, reuni a visão de arquitetura nos tópicos denominados *Dez mandamentos da arquitetura*.

Calibrados, revistos, atualizados a cada semestre, passei a encerrar minha disciplina no PPG-FAU da mesma maneira. Os *mandamentos* focam as questões mais controversas do curso: diversos modos de produção da arquitetura e suas implicações sociais; uso do conhecimento histórico; teorias do conhecimento e como elas interferem

¹ HANSON, Julienne. *The ten commandments (for writing academic papers)*. Disponível em: <http://eden.dei.uc.pt/~jcardoso/ForStudents/WritingPaper.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2012. Gratidão a Julienne por permitir a publicação de minha tradução para o português, neste livro (*Anexo I*).

na pesquisa; a questão do conhecimento *objetivo* e as “etiquetas” epistemológicas; relações entre arquitetura e comportamentos sociais; interesses sociais conflitantes e suas relações com a configuração de edifícios e cidades; distinção entre o *fato* produzido e a *intenção* por trás dele; arquitetura e concepção de *lugar*; dois tipos de implicações da arquitetura – as *sintáticas* (implícitas à configuração) e as *semânticas* (convencionais, circunstanciais e históricas) etc. Este livro expõe a visão em que se encontram as ideias.

Contudo, não é um livro-texto do curso. É menos e mais, concomitantemente. Um livro e um curso presencial são formas distintas de registro e transmissão do conhecimento. É menos que o curso porque este se desenvolve em sessenta horas de encontros face a face – ricas oficinas de especulações; é mais porque 1) explicita ideias contidas na bibliografia do curso, à qual os alunos são remetidos, cuja leitura é tomada como pressuposto (lá, mas não aqui) e 2) incorpora resultados de pesquisas que se desenvolveram em paralelo ou depois das edições do curso, inclusive a última.

O livro não segue sisudas regras acadêmicas – pormenorizadas citações de autores e obras, proliferação de notas etc. Procuo redigi-lo numa espécie de conversa com o leitor, em linguagem acessível, sem utilizar jargão profissional ou científico, entretanto com a precisão e a profundidade desejáveis mesmo numa obra introdutória: ele visa primordialmente ao público leigo e aos calouros de arquitetura – *a arte do espaço*. Inscreve-se, portanto, entre obras de “divulgação científica”. Atenção primeira para com o público leigo, sim, mas de forma que arquitetos, professores e pesquisadores da área e de áreas afins não o sintam banal, mas provocativo – pelas ideias contidas e pela maneira de examiná-las. Como é da tradição, leituras complementares são sugeridas para aprofundar o assunto, ao final do livro.

Não há um debate aprofundado de *teorias*: elas recuam para o fundo do palco, embora por vezes sejam comentadas. Na boca de cena estão *aplicações* das teorias, no afã de, por meio de exemplos, discutir o conceito de arquitetura e as implicações correlatas. Para uma discussão crítica das teorias que subjazem à discussão você é remetido às leituras complementares.

Decerto, não é um esforço original. Pertence à linha das coleções “primeiros passos”, “uma introdução a...”, “que sei sobre...”, “o que é...?”, mas contrasta com elas em tamanho: não tive tempo de escrever menos... Uma busca na rede mundial de computadores revelará obras similares sobre o assunto, de autores brasileiros e estrangeiros. Entretanto, a discussão sobre qualquer tema não se esgota, o conhecimento

não para, o mundo se transforma, ideias são eternamente revisitáveis. Mormente em questões controversas.

Alguns textos dos *mandamentos* são inéditos, em parte ou no todo. Outros revisitam temas discutidos nos livros autorais, coletâneas ou artigos que publiquei. Outros ainda foram conhecidos na forma de comunicações em congressos acadêmicos ou similares, nem sempre publicados nos anais. As referências são feitas ao final, junto às leituras complementares sugeridas.

O livro seria outro sem o concurso de muitas pessoas – se é que existiria sem elas... Aqueles a quem o dedico: Julienne Hanson, que o inspirou, e meus alunos, sempre me instigando a novas elucubrações. Gunter Kohlsdorf e Maria Elaine Kohlsdorf, partícipes da fundação, trinta e tantos anos atrás, do nosso grupo de pesquisa DIMPU (*Dimensões morfológicas do processo de urbanização*), de onde surgiu a abordagem *aspectual* da arquitetura, aqui exposta resumidamente. Roberto de Holanda (meu irmão) e Irma de la Torre Lozano (sua mulher) que afetosamente me acolheram na estadia mexicana, quando de minha licença sabática no Campus Querétaro, 2005. (Roberto contribuiu na redação da primeira versão dos *mandamentos*.) Agatha Bacelar, que me ajudou nos meandros do léxico do grego clássico. Cheila Aparecida Gomes e Fernando Portella Rosa pela ideia que deu origem ao *Mandamento 9* (sou reticente quanto a discursos metafóricos em textos científicos, mas aqui foi irresistível; eles usaram termos mais justos e ferinos, porém pruridos acadêmicos me impedem de replicá-los). Danilo Matoso Macedo e Elcio Gomes da Silva, por informações de pesquisas realizadas sobre a Esplanada dos Ministérios, a Praça dos Três Poderes, e seus edifícios, particularmente quanto a dimensões originais do projeto do Plano Piloto de Lucio Costa. Gabriel Jucá de Hollanda (meu irmão) por contribuir em questões epistemológicas. Pedro Cunha de Holanda (meu filho) pela colaboração no *Mandamento 10*, esclarecendo conceitos de seu campo disciplinar – a Física – tão abusada na teoria do conhecimento dita “pós-moderna”. Mariana Queiroz (sua mulher) por precisar distinções entre *ciência* e *ética*. Valério Medeiros, pelas contribuições metodológicas e leituras perspicazes das cidades brasileiras e além-mares. Mônica Fiuza Gondim, pelas questões de mobilidade urbana. Andréia Ramos Pinheiro e Bruna da Cunha Kronenberger, alunas de graduação da FAU-UnB, que montaram as equipes de levantamento de campo relacionado a este projeto, coordenaram o trabalho e o realizaram com outros estudantes. Edja Trigueiro, pela leitura atenta do manuscrito, pelos erros detectados, e por preciosas sugestões, muitas incorporadas. Gabriela de

Souza Tenorio, cuja amizade, agudeza de espírito e parcerias acadêmicas me gratificam há mais de vinte anos. Ruth Verde Zein, pelo belo e generoso *Prefácio*. Cecília Jucá de Hollanda (minha madrastra) por dar forma gráfica ao livro, com razão e sensibilidade. Rosa, minha mulher, afetuosa e sagaz primeira vítima das versões iniciais dos textos.

Quanto às instituições: CNPq/CAPES, que por meio da chamada N° 07/2011, forneceram os recursos necessários à realização da pesquisa e à publicação em livro dos resultados; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, que recentemente aprovou a criação do *Laboratório de Configuração Arquitetônica*, âmbito físico-institucional que doravante abrigará os trabalhos de pesquisa do nosso grupo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-UnB, cujos alunos e colegas continuamente me estimulam a expor, desenvolver, transformar essas ideias.

Termino, como de praxe: sou o único responsável pelos erros e imprecisões que teimam em sobreviver.

Brasília, 1° de agosto de 2013.

Frederico de Holanda